

2ª CONVENÇÃO MARSHALL NA GARRETT MÚSICA Natal antecipado pela Marshall

Por: André Pires | Fotografia: Carlos Mateus de Lima

A 1ª convenção Marshall organizada pela Garrett Música em 2009 revelou-se um enorme sucesso para a casa que representa a marca britânica em Portugal desde 1975. O sucesso começou logo no próprio dia com a adesão entusiástica dos agentes regionais ao conceito de apresentação/demonstração com Chris George, o guitarrista “residente” da Marshall e ao convívio que se prolongou por um jantar requintado numa quinta de Sintra. Mas os efeitos da convenção prolongaram-se pelo ano fora com a nova série MG, então apresentada, a registar grande procura e a justificar plenamente um novo evento Marshall em 2010.



A série MG veio substituir a série de entrada Park, que não apresentava a marca Marshall e que nunca singrou entre os iniciantes na guitarra eléctrica. Portanto, o primeiro objectivo foi transformar estes amplificadores em dignos representantes *solid-state* do pedigree Marshall com melhoramentos ao nível do som e a adição de efeitos digitais e uma pedaleira. Esta linha passou a chamar-se Marshall MG (a letra M identifica as linhas mais acessíveis da marca, caso da linha MB para baixo, por exemplo) e um ano depois revelou-se um verdadeiro sucesso de vendas, que veio provar que a marca tinha razão em querer apostar nesta renovação.

Para a Garrett, nas palavras de Raul Fernandes, o seu director comercial, a linha MG foi uma verdadeira lufada de ar fresco que veio recolocar a marca no centro das atenções das gerações mais novas. Por outro lado, consciente do efeito de fidelização que as gamas de entrada encerram, a Garrett tem a expectativa de vir a colher mais frutos desta aposta nos próximos anos.

A própria Marshall parece ter a rota traçada, em 2009 apresentou a gama Haze a par da MG, que tem a particularidade de ser uma gama a válvulas com dimensões mais compactas que “caiba facilmente na mala do carro” segundo a publicidade da marca. Agora, em 2010, apresenta mais duas propostas a somar aos degraus da escada que vai levar os amantes da Marshall do seu primeiro MG até a qualquer um dos modelos de topo que contam aliás também com um novo membro.

São elas, por ordem de entrada em cena, a série Marshall MA, Class 5 e a JMD-1.

MY FIRST “VALVE” MARSHALL

A tradição da Marshall é a válvulas e com certeza que a marca se confrontou muitas vezes com o paradoxo de a sua gama de apresentação às novas gerações ser em

estado sólido. Por esse facto a nova série de entrada a válvulas MA parece o passo mais natural da marca.

A linha é composta por dois combos e duas cabeças com versões a 50W e 100W. São amplificadores de dois canais, um Clean e um Overdrive.

Da esquerda para a direita, o canal Clean conta com os controlos de equalização Bass, Middle e Treble e um potenciómetro de volume de saída do canal.

O canal Overdrive tem mais dois controlos além destes, são eles o Crunch Balance que permite definir com grande facilidade a diferença de volume entre o sinal *overdrive* com e sem Boost e, claro o controlo de Gain com que se “cozinha” o sinal *overdrive*.

Entre estas secções encontramos dois botões alinhados na vertical ladeados por três LEDs. O botão de cima serve para accionar o Boost do canal Overdrive sem recurso a uma pedaleira e o botão de baixo serve para comutar entre os canais nas mesmas condições. Dois dos LEDs são para identificar que canal está activo e o terceiro LED indica se a função Boost está ligada mesmo que estejamos no canal Clean.

A secção Master é igualmente simples e concisa: um controlo Reverb para controlar o retorno do *reverb* de molas interno, e os controlos Resonance para os graves e Presence para os agudos. Este Marshall continua a oferecer saídas de 8 e 16 ohms para colunas externas, uma entrada para pedaleira e um *loop* de efeitos com tomadas Send e Return, sendo que existe a opção de usar só o Send sem interromper o sinal para ligar por exemplo um afinador.

As expectativas da marca para a série MA são grandes, sendo que a ideia é que depois de se iniciar com um Marshall MG, o guitarrista em formação possa subir um novo “degrau” e mudar para um MA.

STAIRWAY TO HEAVEN

O patamar seguinte é, de certa forma, uma bifurcação. A marca desenvolveu inteligentemente as séries que poderiam ser os degraus seguintes mais como alternativas entre si e complementares aos modelos de grandes dimensões, do que propriamente como gamas “médias”.

Exemplo disso é a série Haze a válvulas de que já falámos, que de certa forma pode ser o amplificador definitivo para um músico de bares ou ser um segundo Marshall mais portátil para o músico cujo amplificador principal é um dos *stacks* de topo da marca.

A novidade para 2010 é o modelo Class5, um pequeno combo de alta qualidade fabricado em Milton Keynes, fábrica sede da Marshall e herdeiro da linhagem Blues-breaker original.

Tem apenas 5W, circuito totalmente a válvulas em classe A e uma coluna Celestion de 10”. O conceito é ser um concentrado de “sabor” Marshall da melhor qualidade, é dirigido para quem prefere combos de pequenas dimensões em estúdio, para o trabalho em bares ou para quem quer um amplificador purista para blues ou jazz. É o ver-





Chris George, guitarrista demonstrador e consultor da Marshall, rodeado pelas novas estrelas da marca

dadeiro produto de nicho de grande qualidade, mas mantém ao mesmo tempo um preço muito acessível devido à suas dimensões e simplicidade de funções, pelo que pode ser de facto o "degrau" seguinte.

O painel de entrada conta apenas com uma tomada de entrada, quatro potenciômetros para Volume, Treble, Middle e Bass, LED indicador de ligado e interruptor de corrente.

O painel de saída tem duas saídas comutáveis entre si, uma de auscultadores que colhe o sinal depois dos transformadores de saída para manter todo o "sabor" ou uma saída para uma coluna externa (o manual sugere como exemplo uma Marshall 4x10!). O uso de qualquer uma delas desliga automaticamente a coluna do combo.

A SENSACÃO JMD-1

Era mais ou menos inevitável que a Marshall viesse mais tarde ou mais cedo a apresentar a sua proposta de amplificador com modelação digital.

Para tal escolheu a tecnologia Natural Harmonic Technology da casa de software sueca Softube para desenvolver os modelos do som de vários dos seus amplificadores clássicos.

É uma verdadeira ode ao som Marshall. Os dezasseis *presets* à disposição incluem emulações de várias configurações dos amplificadores Marshall JVM410H, JCM2000 DSL100, JMP-1, os modelos de 1974 e 1959, JCM800, Haze40, BluesbreakerII, Mode FOUR e do pedal de distorção Marshall GUV'NOR.

A topologia encontrada baseia-se na sinergia entre a secção de modelos digitais de pré-amplificadores e um amplificador a válvulas típico da marca. O som final resulta da interacção entre ambas as secções, ou seja o próprio circuito analógico da secção de amplificação é alterado consoante o *preset*, para, em conjunto com o modelo digital de pré, atingir um determinado som.

Da esquerda para direita e acompanhando o percurso de sinal, o painel frontal apresenta o Jack de entrada, um botão para selecção dos *presets* e três secções: pré-amplificador, efeitos e secção Master.

Os controlos do pré-amplificador são os habituais Gain, Bass, Middle, Treble e Volume (de saída do pré para o amp). Por baixo desta secção temos cinco botões retro-iluminados com as legendas Manual, Ch1, Ch2, Ch3 e Ch4.

Em manual o painel do JMD-1 funciona como se fosse um amplificador convencional em que as configurações correspondem à posição física dos botões. Os Ch1 até Ch4 são memórias do utilizador.

A secção de efeitos começa com um par de rotativos para a operação dos efeitos de modulação. Assim temos o Mod Adjust e o Mod Depth. O primeiro selecciona entre um Gate e os efeitos Chorus, Flanger, Phaser e Tremolo. Na posição de Gate funciona como um interruptor, mas para os efeitos dedica uma parte do seu percurso de rotação a cada um, sendo que à medida que o rodamos no sentido dos ponteiros do relógio vamos aumentando a velocidade da modulação. O rotativo Mod Depth define o threshold do Gate ou o parâmetro Depth dos efeitos.

Seguem-se os rotativos Delay Adjust e Delay Level. O primeiro tem um comportamento semelhante ao Mod Adjust para escolher entre vários tipos de Delay e alterar com a rotação simultaneamente o tempo de *delay* e o número de repetições. Delay Level controla o envio para o *delay*.



Simplicidade classe A



Marshall JMD-1, um verdadeiro Marshall All-Stars com emulações de alta qualidade dos amplificadores mais emblemáticos da marca



Das madeiras exóticas à fibra de vidro, a oferta de congas da Natal é de excelente qualidade

O rotativo Reverb controla o envio para a reverberação, há uma relação directa entre o nível do envio e o tempo de *decay* do efeito.

Esta secção conta ainda com os interruptores retro-iluminados Modulation, para accionar o os efeitos de modulação, Delay/Tap Tempo para accionar o Delay e definir o seu tempo e Ext FX para comutar o loop de efeitos externos. Junto a estes ainda se encontram os interruptores Compare, para comparar as nossas programações com os programas originais, e o Footswitch/MIDI Program para a programação e utilização da pedaleira fornecida com o JMD-1.

A secção Master inclui um potenciômetro de Presence para regular a zona aguda e um potenciômetro de Volume.

O interruptor de Standby comuta a todos os amplificadores a válvulas da Marshall, no caso do JMD-1 actua apenas sobre o amplificador, ficando o sinal do pré-amplificador sempre disponível nas saídas Emulated Line-Out e Preamp-Out no painel posterior enquanto o interruptor de Power estiver na posição de ligado.

O painel posterior apresenta tomadas para Midi In/Thru e para a ligação à pedaleira.

A tomada Emulated Line Out já mencionada consiste numa saída balanceada em XLR com o sinal do préamp "temperado" por uma emulação extra de um conjunto de amplificador de potência, coluna 4x12" e microfone. A saída de auscultadores



A gama de bongós reflecte a variedade da gama de congas da Natal

fornece este sinal também. Existe uma entrada para ligar um Mp3 ou outra fonte, cujo sinal só vai estar disponível na saída de auscultadores para efeitos de estudo, por exemplo.

A saída Preamp-Out é em jack não-balanceado e não tem a emulação extra, é indicada para "alimentar" um amplificador de potência externo.

O loop de efeitos tem a opção de trabalhar a +4dBu ou a -10dBV e tanto pode funcionar em série ou em paralelo já que tem um potenciômetro para "dosear" entre som directo e som processado. Embora fique no painel traseiro, o seu nível fica gravado nos programas.

O amplificador de potência tem as habituais saídas para colunas externas.

Durante a apresentação Chris George mencionou que o nome JMD-1 é uma referência directa ao popular pré-amplificador em rack Marshall JMP-1 que tanto sucesso trouxe à marca nos anos 90.

E de certa forma serve para a marca lembrar que há quase vinte anos já tinha proposto um pré-amplificador capaz de emular o som de vários amplificadores recorrendo no caso a tecnologia analógica, nomeadamente a duas válvulas ECC83 e a equalização específica. Ou seja, se calhar não demoraram tanto assim a responder a esta tendência, porque na verdade anteciparam-na! Bravo Marshall.

A pergunta impunha-se: será que está projectada uma versão em rack do JMD-1?



Foto de família dos participantes e da equipa



Pormenor de sistema que permite enroskar uns bongós a um suporte de microfones, simples e de enorme versatilidade na estrada

Questionado sobre esta matéria Chris foi muito claro em dizer que a marca acha que a tendência do mercado actual não vai no sentido do material em rack, pelo que a opção para já é utilizar a cabeça com coluna no palco e as saídas directas para gravação. Mesmo quando chamámos a atenção para o sucesso da concorrência com *racks* com modelação e mais recentemente com pedaleiras com modelação muito potente a resposta foi a mesma.

De facto, do ponto de vista de um fabricante de amplificadores com a personalidade da Marshall, a implementação de modelação total pode realmente não fazer muito sentido (pelo menos para já, dizemos nós).

Durante a apresentação, Chris George presenteou a assistência com vários solos flamejantes através de amplificadores das séries MG, MA, Haze, Class5 e JMD-1. Num tom descontraído e com total domínio do(s) seu(s) ofícios foi apresentando os vários modelos em teoria e demonstrando na prática o potencial de cada um.

NATAL INESPERADO

Paralelamente à sessão dos novos amplificadores, a Garrett aproveitou também para fazer a surpreendente apresentação da nova marca do universo Marshall. Trata-se de uma marca de... percussão.

O nome Natal também soa surpreendente em português quando associado a percussão, mas para o mundo anglo-saxónico remete para paragens exóticas no hemisfério Sul com esse nome.

Aliás, embora a marca seja britânica a sua fábrica é na Tailândia.

No entanto, a surpresa continua e é múltipla, já que não se percebe à primeira qual o porquê desta aquisição e por outro lado já há muito tempo que a Garrett estava afastada do negócio de instrumentos musicais.

A primeira explicação é simples, remete para os primórdios da Marshall quando Jim Marshall vendia material de percussão da Natal na sua loja onde também vendia os primeiros amplificadores e para o seu próprio passado como baterista.

A segunda explicação também é simples, porque já são 35 anos de representação da marca em Portugal. Como a Garrett não vende Marshall directamente ao público, a distribuição da Natal começará através dos agentes regionais da Marshall que queiram aderir à nova marca do grupo.

O forte da marca é a percussão afro-cubana, nomeadamente as congas e os bongós, de que foi possível apreciar vários modelos de excelente qualidade e com propostas inovadoras como a possibilidade de aplicar um set de bongós a um suporte de microfone.

A Natal foi pioneira nos anos 60 no desenvolvimento de modelos em fibra de vidro que foram logo adoptados pelos percussionistas de Carlos Santana mas também por bandas Rock como Led Zeppelin e Rolling Stones devido à sua grande projecção de som.

Por coincidência, um dos participantes ligado à banda da Marinha referiu que a banda tem percussões da Natal em uso há cerca de trinta anos.

O catálogo da marca inclui ainda pequena percussão de mão, djembés e cajóns. Depois do contacto com o material da Natal e da apresentação colectiva da Marshall, seguiram-se as reuniões individuais da equipa da Garrett com os vários agentes regionais presentes, seguidas do jantar de novo em Sintra que ameaça entrar para a mitologia destas convenções anuais Marshall organizadas pela Garrett. Como se costuma dizer: que contem muitas!

www.marshallamps.com

www.garrett.pt

Walden®

Guitars

www.waldenguitars.com

“Eis uma guitarra que é boa de tocar, agarra a mão assim que a mão agarra nela, conserva a afinação em todas as alturas do braço, e mais importante de tudo, SOA BEM!

“Entrou, sentou-se, e muito depressa passou a fazer parte da família.”

Sérgio Godinho



Road Crew

WWW.ROADCREW.COM.PT

E-mail: roadcrew@roadcrew.com.pt

Modelo G3030CE

MySpace: www.myspace.com/roadcrewportugal